

FORMAÇÃO E MOVIMENTO ESTUDANTIL

Maria Angélica Peixoto*

Os estudos da sociologia da educação e da sociologia dos movimentos sociais podem se encontrar a partir da discussão sobre o papel do movimento estudantil no processo de educação dos jovens. O conceito de educação é aqui entendido em sentido amplo, entendido, portanto, como socialização e, em sentido estrito, os conceitos sociológicos de “socialização secundária” ou “ressocialização” oferecem a medida exata para entender os processos mais específicos de socialização da juventude. O processo de educação formal ocorre em várias instituições. O processo de formação do indivíduo ocorre em diversas instâncias não somente na escola. A família, as relações de amizade e vizinhança, os meios oligopolistas de comunicação, os movimentos sociais, a comunidade circundante, entre outros são espaços que possibilitam formação individual.

* Doutora em Sociologia pela UFG (Universidade Federal de Goiás) e Professora do IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Inhumas.

Dentre os movimentos sociais que atuam sobre o processo de formação individual dos estudantes, dou destaque ao movimento estudantil, pois este é um espaço privilegiado de formação e ressocialização dos estudantes no sentido tanto de um processo inovador e diferenciado da educação formal, como também reforçador do mesmo. A reflexão sociológica sobre este tema é a base teórica de minha proposta de trabalho que é analisar o papel do movimento estudantil no processo de formação dos estudantes.

Os objetivos foi o de analisar qual é a contribuição do movimento estudantil e da participação ativa neste para o processo de formação dos estudantes em diversos níveis de ensino. Para realizar o processo analítico, trabalhei com o conceito de juventude a partir das discussões de Viana (2004) Groppo (1998) Lapassade (1975) e outros. Para realizar uma discussão sociológica sobre movimentos sociais, licei mão das contribuições de Gohn (2002), Leher (2005), Jensen (1996) e outros (Guimarães, 1996).

A discussão girou em torno da hipótese de que o movimento estudantil é fundamental para politizar e formar os estudantes e os que participam mais efetivamente do mesmo, pois ele incentiva estudos e reflexões, permite um maior acúmulo de capital cultural e linguístico (BOURDIEU, 1998; PINTO, 2000), aumenta os contatos e oportunidades, enriquecendo mais as

possibilidades de ampliação do horizonte cultural e político e também ajuda no processo de politização, por aumentar o interesse, reflexão e ação sobre as questões sociais e políticas.

Conceitos básicos

A reflexão sobre formação e movimento estudantil deve partir da discussão sobre os conceitos básicos para esclarecer o ponto de partida teórico e metodológico. Alguns conceitos, tais como educação, socialização, ressocialização, juventude, movimentos sociais, movimento estudantil assumem grande importância para o desenvolvimento de minha argumentação. O uso dos conceitos...

O conceito de educação possui várias definições e remete às diversas distinções. Uma das primeiras definições sociológicas de educação foi a fornecida por Émile Durkheim. Para Durkheim (1974), a educação é o processo na qual as gerações mais velhas repassam para as gerações mais novas as maneiras de sentir, agir, pensar, no sentido de adequar e transformar o ser individual em ser social e fazer com que ele esteja preparado para assumir a sua posição na sociedade, na divisão social do trabalho. Essa concepção é questionável e questionada pelo seu conservadorismo (GROPPO, 2007), ou seja, possui limitações apontadas por outros autores. Apesar da abordagem geral de Durkheim ser questionável e passível

de críticas, a conceituação de educação não perde o seu valor e abre espaço para se pensar o processo educacional de forma mais ampla, como sendo socialização e não apenas educação formal. Em sociedades anteriores ao capitalismo, a socialização ocorria independentemente de instituições escolares (VIANA, 2008; LEITÃO, 2002). Segundo Leitão a ideia de ultrapassar a concepção de educação como mera educação escolar, formal realiza uma proposta de questionamento e relativização:

propõem-se assim o questionamento e a relativização da concepção tradicional de educação presente na sociedade ocidental, que toma os valores da cultura ocidental e da sociedade burguesa como referência, mesmo quando lida com grupos ou sociedades que possuem outros universos culturais (LEITÃO, 2002, p. 91).

É nesse contexto que é importante distinguir educação em geral, como socialização e educação formal, educação escolar. A educação escolar é apenas uma variação da educação em geral, da socialização. A socialização, por sua vez, é o processo no qual os indivíduos se tornam seres sociais e são preparadas para viver em determinada sociedade, ocupando determinada posição na divisão social do trabalho, determinada classe social (VIANA, 2011), afirmação que é um desdobramento da concepção durkheimiana (DURKHEIM, 1974) no sentido de aproveitar alguns

aspectos dela, mas recusando outros, especialmente o seu conservadorismo que aponta para reprodução das desigualdades sociais.

O processo de socialização não é homogêneo e nem ocorre da mesma forma em todas as classes, grupos, setores da sociedade. Existe uma socialização diferencial no interior das sociedades divididas em classes sociais distintas, entre os sexos, entre outras divisões sociais (VIANA, 2011). É por isso que a educação escolar é marcada pelo exercício da “violência simbólica” ou “cultural” (BOURDIEU e PASSERON, 1978; VIANA, 2002). É uma imposição cultural que se realiza, na qual o “conhecimento escolar” (SARUP, 1980; LEITÃO, 2002; FERNANDES, 2002), “arbitrário cultural” (BOURDIEU e PASSERON, SANTOS, 2002; FERNANDES, 2002), “cultura dominante”, determinadas formas de saber e valores (VIANA, 2002) é imposto aos indivíduos das classes dominadas. É justamente nesse contexto que há a desvalorização da educação não escolar:

A educação formal vem sendo apresentada nos últimos anos como a saída para resolver muitos problemas da sociedade capitalista. A escola passou a ser na sociedade capitalista o lugar privilegiado onde se desenvolve o processo de ensino, qualquer conhecimento desenvolvido fora da escola é desvalorizado, o que é levado em conta é o conhecimento formal desenvolvido

dentro da escola, e não desenvolvimento da consciência e as experiências acumulativas do dia-a-dia (FERNANDES, 2002, p. 33).

A teoria sociológica compreende que há um processo em que ocorre uma socialização primária, no período da infância, em nossa sociedade, que é o período correspondente ao nível da educação formal (que ocorre simultaneamente) ao antigo ensino primário, hoje chamado não Brasil de ensino fundamental (alunos de 6 a 14 anos) e cada vez em maior número na educação infantil (para crianças com até cinco anos) . A socialização primária é sucedida pela ressocialização (VIANA, 2004) ou pela “socialização secundária” (BERGER e LUHMAN, 1988), duas expressões para uma mesma realidade. No caso de Viana, a discussão a respeito da ressocialização está intimamente ligada com o conceito de juventude, que em breve será desenvolvido. Essa socialização secundária ou ressocialização expressa um processo no qual os jovens são preparados para a vida adulta, pois passam para uma etapa superior e posterior do processo de socialização que ocorre durante a infância.

A socialização é o processo de constituição do ser social, da formação inicial dos indivíduos, durante o período da infância, e a ressocialização é uma continuação, aprofundamento e desdobramento diferenciado desta, já preparando os jovens para a “entrada na vida” (LAPASSADE, 1975), para a vida adulta, no qual

os indivíduos são formados para o mercado de trabalho, a profissão, as responsabilidades sociais (civis, políticas, familiares). A ressocialização é, portanto, um processo de formação dos indivíduos para a vida adulta e que varia de acordo com a classe social dos mesmos, sendo que os jovens das classes dominadas possuem um processo mais curto e diferente, já que passam para a vida adulta (trabalho, família, responsabilidades) de forma mais rápida e imediata. Nesse sentido, a escolarização juvenil é um elemento fundamental formador da juventude (AVANZINI, 1980; VIANA, 2004). Essa determinação fundamental é complementada por outras, como a ação dos meios de comunicação, dos grupos juvenis, das ciências médicas, entre outros.

Isso quer dizer que a juventude não é determinada por fatores biológicos (GROPPO, 2000; VIANA, 2004), ela é uma construção social, que envolve questões institucionais, culturais, entre diversas outras. E é por isso que a concepção de juventude de caráter sociológico se distingue das abordagens das ciências médicas e da psicologia, que inclusive contribuíram para sua construção, e não usa termos de inspiração mais biológica, como “adolescência” (GROPPO, 2000).

O conceito de juventude, então, é o que expressa os indivíduos que estão vivendo o processo de ressocialização (VIANA, 2004). Esse processo de ressocialização tem como elemento fundamental a escola,

mas se constitui através de outros mecanismos e instituições, que destaquei anteriormente. É preciso entender que a juventude não é um conjunto homogêneo de indivíduos, existem diferenças e estas afetam o processo de ressocialização, que também é diferencial, como a socialização. Jovens de classes sociais distintas sofrerão processos distintos de ressocialização, da mesma forma que indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino, de culturas e regiões distintas, de raças e etnias diferenciadas, entre diversas outras manifestações de divisões sociais. Essas diferenças ainda são complementadas pela formação de grupos juvenis, que são formas de comportamento e ação que apontam para um determinado estilo de vida, posição política, preferências culturais, entre outras. Em síntese, a juventude é um grupo social caracterizado por viver um período da vida marcado pela ressocialização e que possui, como todos os outros grupos sociais (e também as classes sociais) subdivisões e diferenças internas.

Por fim, discuti os conceitos de movimentos sociais e movimento estudantil. Os movimentos sociais são produtos da sociedade moderna, reflexos das divisões sociais e que marcam uma manifestação específica de determinados grupos sociais oprimidos ou que possuem projetos políticos alternativos (JENSEN, 1996). Os movimentos sociais existem porque existem grupos sociais que lhe dão vida e sustentação e estes grupos sociais só

existem em relação com outros grupos e classes no interior da totalidade das relações sociais.

Para que haja um processo em que o grupo faça emergir um movimento social é necessário alguns pressupostos, como a opressão e a consciência da opressão, ou então ideais e projetos políticos de transformação social ou conservação social. O movimento das mulheres pressupõe a opressão das mulheres, assim como o movimento negro a opressão dos negros. Jensen afirma, no entanto, que a opressão da mulher existiu antes do capitalismo e isso não gerou um movimento social das mulheres. É preciso, além disso, a consciência da opressão, o que só ocorre na sociedade capitalista e permite a emergência do movimento das mulheres.

O movimento estudantil é um movimento social. Este movimento social tem uma base social, concreta, que é um determinado grupo social, composto pelos estudantes. A juventude, como já foi dito, possui um conjunto de divisões, entre esta a de classe social, cultura, sexo, raça, nível e tipo de escolaridade. Em relação ao nível e tipo de escolaridade, os jovens que estão no ensino secundário possuem diferenças entre os jovens do ensino superior ou técnico-profissionalizante. Mesmo os que estão no ensino superior possuem diferenças, que pode ser notado pelos cursos (humanas ou exatas, para citar uma grande divisão), universidades (públicas ou particulares), entre outras diferenças.

Correto está em afirmar que a base social geral dos movimentos estudantis são os jovens, mas estes quando efetivamente estudantes em determinadas instituições, regiões, posições, entre outros aspectos. No caso que é o objeto de pesquisa aqui, trata-se de estudantes universitários. O movimento estudantil universitário é composto por jovens universitários (e da mesma forma não possui homogeneidade, já que existem as subdivisões). Em comum, além de serem jovens e estarem submetidos ao processo de ressocialização, há a condição estudantil específica no ensino superior. Os estudantes universitários são, portanto, o grupo social que é a base concreta do movimento estudantil.

Após a exposição dos conceitos básicos, a relação entre formação e movimento estudantil poderá ser encaminhada no sentido de esclarecer os pontos básicos que são o fundamento da hipótese aqui trabalhada.

O Movimento Estudantil como Instância de Socialização

O processo de aquisição de saber na universidade é sempre compreendido como derivado da educação formal, do processo de construção que se dá prioritariamente na sala de aula. Sem dúvida, o processo de formação profissional e acadêmica ocorre prioritariamente na universidade, mas não unicamente nela. Isso se deve ao fato de que existem outras instâncias

de socialização. As próprias instituições universitárias reconhecem isso, de certa forma, com o uso de estágios, que ampliam a formação de forma mais prática. Mas a família é outra instância que realiza esse processo, bem como os meios de comunicação, os grupos de pesquisa (dentro e fora da universidade), e o movimento estudantil, entre outros.

A análise de indivíduos provenientes das classes dominadas ou “culturalmente desfavorecidas” aponta para o fato de que apesar de possuírem um baixo “capital cultural”, termo de Bourdieu e Passeron (1978), muitos conseguem relativo sucesso escolar (cujo grau depende de diversas determinações e varia de acordo com os indivíduos) e aqueles que passaram pelo movimento estudantil conseguem uma ampliação do seu capital cultural de forma que amplia a possibilidades para competir com aqueles que são provenientes das classes privilegiadas. Desta forma, se a instância primária de socialização for culturalmente desfavorecida, como o caso de estudantes provenientes de famílias pobres, estes compensam isso ao se inserir no movimento estudantil que permite acesso e incentivo para ampliação do capital cultural (PEIXOTO, 2009). A sociologia reprodutivista (Bourdieu, Passeron, Baudelot, Establet, Althusser) demonstra as dificuldades e pequena probabilidade de sucesso escolar de tais estudantes, mas não explica as exceções. Na explicação de Bourdieu, o capital cultural e

linguístico proveniente da família deixa os jovens das “classes desfavorecidas culturalmente” em desvantagem. Na competição acadêmica esses jovens acabam perdendo ou ficando nos piores postos. Não é o caso aqui de retomar a teoria da reprodução de Bourdieu e Passeron, nem de outros reprodutivistas, e por isso partirei dessa concepção para abordar a questão aqui levantada. Esta teoria já foi exposta pelos seus produtores (BOURDIEU e PASSERON, 1978) e por diversos comentaristas (ORTIZ, 1994; CUNHA, 1979; PEIXOTO, 2009) e apresentamos alguns aspectos anteriormente.

O movimento estudantil é uma instância de socialização e é por isso que é necessário entender que tipo de instância é essa e como ela atua sobre os estudantes. Isso torna necessário analisar o movimento estudantil na perspectiva teórica, mas também histórica e em suas manifestações particulares, tais como o movimento estudantil no Brasil (POERNER, 1979) ou movimentos ocasionais ou de época (GROPPO, 2005), ou mesmo o atual (GROPPO, 2006). O movimento estudantil cria laços entre os estudantes, desde os afetivos aos políticos, e também é fonte de interesses para leitura, desenvolvimento de hábitos de exposição oral, debate, participação ativa e efetiva, que executam um papel importante no processo de formação dos indivíduos que participam.

Um dos elementos presentes na ressocialização via movimento estudantil são os laços sociais, as relações sociais instituídas nesse processo. A participação no movimento estudantil cria novas relações. Possibilita, por exemplo, as de disputa eleitoral e política, na qual a oralidade ganha importância, as afetivas e festivas, que é entre pessoas em situação semelhante - estudantes e, portanto, no qual há um processo de comunicação que entra não apenas no cotidiano do movimento estudantil e das relações dos indivíduos mais próximos, já que também envolve as questões políticas e acadêmicas. Inclusive variando, mas também havendo referências aos conceitos, ideias, teorias, estudadas na academia.

Desta forma, a convivência social dos estudantes amplia, com graus diferenciados (inclusive relacionado com o nível de engajamento e participação), as questões que são importantes no processo de formação e que tem reflexos na vida acadêmica do estudante. A oralidade que é exigida no movimento estudantil pode romper com inibições e dificuldades que determinados alunos possuem na sala de aula, por exemplo. A socialização política também permite uma ampliação da cultura e dos interesses dos estudantes.

Outro elemento, bastante presente nos indivíduos oriundos das classes culturalmente desfavorecidas que conseguem relativo sucesso no mundo acadêmico, é a leitura gerada pela participação no movimento estudantil

(PEIXOTO, 2009). Esta participação gera um conjunto de leituras relacionadas às disputas políticas nos meios estudantis, aos problemas da universidade, às bases teóricas das diversas tendências políticas, partidárias, presentes no movimento estudantil. Assim, determinados estudantes são incentivados a ler autores do marxismo (Marx e outros que já são selecionados a partir da tendência que alguns participam, ou autores anarquistas – o que é mais presente no movimento estudantil mais recente – entre outros que exercem influência política nos meios estudantis, inclusive a leitura que alguns realizam das tendências adversárias para ter mais elementos no debate político). Esse processo também é uma instância de socialização, que não só repassa saberes, valores, técnicas, como ainda incentiva a prática de leitura, o exercício do debate, que aumentam o capital cultural do estudante. É comum nos meios estudantis a troca de informações também sobre música, filmes, entre outros elementos culturais, que tem um papel de reforço de sua formação. Um indivíduo proveniente das classes culturalmente desfavorecidas certamente tem pouco contato com o cinema mais intelectualizado, com o teatro, e ao entrar para o movimento estudantil acaba conhecendo e valorizando esse tipo de cultura. Da mesma forma, já que um dos elementos propulsores do movimento estudantil são a universidade e seus problemas, muitos estudantes passam a se interessar e ler sobre a vida acadêmica,

pedagogia, estrutura da universidade, burocracia, história do movimento estudantil e questões juvenis (sexualidade, culturas juvenis), entre outros temas correlatos.

Esse processo de ressocialização via movimento estudantil também é útil para a formação acadêmica ao despertar determinados interesses e valores. O de leitura e acesso à cultura é um dos principais elementos nesse sentido. Entre os valores despertados pelo movimento estudantil (o que não é homogêneo e hoje diminui em determinados lugares, como nas novas faculdades particulares, cujo movimento estudantil é mais fraco, os indivíduos em geral possuem menor capital cultural, as instituições são mais fechadas e conservadoras, muitos trabalham e não podem participar, entre outros fatores), pelo menos nas instituições federais, há o da cultura erudita, a da música de qualidade, e isto entra em contradição com a formação cultural anterior de grande parte da juventude proveniente das classes sociais desfavorecidas culturalmente, influenciadas pelos meios de comunicação. Assim, além da própria formação acadêmica, que possui em determinadas áreas e cursos a crítica da “indústria cultural”, a própria convivência e valores que são hegemônicos nos meios estudantis das principais universidades apontam para a valorização da cultura erudita, e fornecem informações e acesso. Os estudantes mais antigos ou das classes privilegiadas culturalmente repassam em suas conversas ou indicações

determinados filmes, músicas, obras literárias. Kafka, um autor bastante desconhecido nos meios populares, é amplamente lido em diversos meios estudantis e se torna assim, alvo de interesse e leitura por muitos que são provenientes das classes desfavorecidas e por isso não tinham acesso anterior e, caso não participe do movimento estudantil, fica na dependência de indicações de professores ou de colegas mais próximos.

Em recente pesquisa ficou claro que o movimento estudantil foi um forte incentivo para leituras e novos valores e interesses. É perceptível, nesse caso, que “todos os militantes – atuantes ou do passado, ainda estudantes ou já profissionais – se envolveram, com graus diferenciados, com leituras e práticas no movimento estudantil que se relacionava com a formação acadêmica” (PEIXOTO, 2009). No geral,

o benefício do movimento estudantil reside em contatos, acesso a informações, textos e bibliografias, prática da reflexão e escrita, ou seja, ferramentas intelectuais que colaboram com a formação intelectual do indivíduo. Além disso, o interesse que o movimento estudantil desperta é outro fator extremamente relevante.

Além das leituras, interesses, cultura geral, o movimento estudantil também ajuda, embora em menor número de estudantes, no desenvolvimento do processo da escrita. Os militantes do movimento estudantil são

constrangidos a escrever panfletos, documentos, “teses” (para o movimento estudantil, ou seja, para os seus encontros, tais como os da UNE – União Nacional dos Estudantes, nos quais as diversas tendências políticas escrevem sua análise da conjuntura política nacional e internacional e sobre a universidade, bem como suas posições e propostas concretas). Apesar da escrita de panfletos, documentos, “teses” ser realizada por uma minoria, a chamada “liderança”, há a possibilidade do aprendizado efetivo para elaboração de ofícios, cartas, entre outras formas de produção intelectual na forma escrita.

Os representantes das instituições estudantis (desde a UNE, passando pelos DCEs – Diretórios Centrais dos Estudantes, CAs -Centros Acadêmicos, de cursos; entre outros), os participantes de outras entidades que atuam principalmente no meio estudantil (por exemplo, Centro de Mídia Independente; grupos anarquistas, grupos de estudos, grupos em torno de determinadas teses ou autores, tal como Escola de Frankfurt, grupos ligados às igrejas e pastorais, movimento negro, entre outras), também promovem a necessidade da produção escrita.

Isto, evidentemente, tem variações de ordem individual, de interesses, de posição política, de relação com a própria academia (alguns se envolvem no movimento estudantil e deixam a vida acadêmica em segundo plano ou como mero apêndice, outros já

privilegiam a formação acadêmica e têm aqueles que, com maior ou menor sucesso, tentam unir as duas coisas, sem falar no que unem mais de duas coisas, juntando também militância em partidos e grupos ou associações, externas à universidade).

Outro elemento de formação é o confronto e o debate entre diversas tendências que trazem uma enorme diversidade de posições políticas e culturais, sejam as concepções hegemônicas e dominantes na universidade ou no movimento estudantil, seja as posições marginais e que manifestam uma diversidade de posições. Isso abre espaço para uma ampliação de contatos e conhecimentos, mais ou menos profundo ou superficial, dependendo dos indivíduos e da força de cada uma dessas tendências, ampliando o seu capital cultural. O estudo de Luiz Antônio Groppo sobre os movimentos estudantis dos anos 1960 revela exatamente isso:

outro fato político-cultural a ser levado em conta pode ser definido como a penetração no universo juvenil e universitário de ideologias e práticas culturais não hegemônicas e marginais. Nesse leque de novidades, há tanto os esquerdismos não oficiais (maoísmo, trotskismo, socialismo cristão e anarquismos) quanto os exotismos culturais (beatniks, hippies, misticismos, orientalismos, etc.). A virada dos anos 1950 aos 60 dá origem a uma grande fermentação de ideias políticas e culturais.

Essa multiplicidade de esquerdismos e exotismos, que, subliminarmente, ganhavam espaço, teria sua aplicação mais visível nas mobilizações da década de 1960, entre elas a contracultura, um fenômeno cultural contemporâneo das ações estudantis radicais (GROPPO, 2005, p. 41).

O movimento estudantil torna-se, assim, umas das principais instâncias de socialização da juventude universitária. E faz isso de diversas formas. É o caso da multiplicidade de manifestações culturais e políticas no seu interior. Isso demonstra que a ressocialização da juventude tem nos movimentos juvenis, e no movimento estudantil universitário, uma de suas fontes de reforço do processo de socialização, ampliando as possibilidades para os indivíduos provenientes das classes culturalmente desfavorecidas.

Considerações finais

Desta forma, a análise da temática da relação entre formação e outras instâncias de socialização extraescolares são fundamentais, especialmente o movimento estudantil, para o caso da juventude universitária. Isso justifica a minha análise e abre possibilidades para desdobramentos como a análise do impacto da participação no movimento estudantil na educação escolar, possíveis articulações que podem ser

realizadas pelos professores que apontem para estratégias de incentivo à movimentação estudantil, entre outras.

Referências

AVANZINI, Guy. *O Tempo da Adolescência*. Lisboa, Edições 70, 1980.

BERGER, Peter e LUHMAN, Thomas. *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1982.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CUNHA, Luiz Antônio. “Notas Para Uma Leitura da Teoria da Violência Simbólica”. *Educação & Sociedade*. Ano 1, nº 4, Setembro de 1979.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 6ª edição, São Paulo, Nacional, 1974.

FERNANDES, Ovil Bueno. Educação e Desintegração Camponesa. In: VIEIRA, Renato & VIANA, Nildo. *Educação Cultura e Sociedade. Abordagens Críticas da Escola*. Goiânia, Edições Germinal, 2002.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. 3ª edição, São Paulo, Edições Loyola, 2002.

GROPPO, Luís Antônio. A modernidade e a Sociologia da Educação no século XX: a questão da racionalidade e da emancipação na reflexão sociológica sobre a educação em Durkheim, Mannheim e Adorno. Anais da VII Jornada do Histedbr. Campo Grande, UFMS, 17 a 19 de setembro de 2007.

GROPPO, Luís Antônio. *Autogestão universidade e movimento estudantil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

GROPPO, Luiz Antônio. *Juventude*. Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. São Paulo: Difel, 1998.

JENSEN, Karl. *Teses Sobre os Movimentos Sociais*. Revista Ruptura, Vol. 03, num. 04, janeiro de 1996.

LAPASSADE, Georges. *A Entrada na Vida*. Lisboa: Edições 70, 1975.

LEHER, Roberto e SETÚBAL, Mariana (orgs.). *Pensamento Crítico e Movimentos Sociais*. São Paulo, Cortez, 2005.

LEITÃO, Rosani Moreira. Educação, Cultura e Diversidade. In: VIEIRA, Renato & VIANA, Nildo.

Educação Cultura e Sociedade. Abordagens Críticas da Escola. Goiânia, Edições Germinal, 2002.

ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu.* Coleção Grandes Cientistas Sociais. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

PEIXOTO, Maria Angélica. Universidade, movimento estudantil e trajetórias individuais. *Estácio de Sá Ciências Humanas*, v. 1, p. 54-67, 2009.

SANTOS, Cleito Pereira. Educação, Estrutura e Desigualdades Sociais. In: VIEIRA, Renato & VIANA, Nildo. *Educação Cultura e Sociedade. Abordagens Críticas da Escola.* Goiânia, Edições Germinal, 2002.

SARUP, Madam. *Marxismo e Educação.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIANA, Nildo. “Educação, sociedade e autogestão pedagógica”. *Revista Urutágua/UEM*, v. 16, p. 6-6, 2008c.

VIANA, Nildo. *A Dinâmica da Violência Juvenil.* Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia.* 2ª edição, Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

VIANA, Nildo. Violência e Escola. In: VIEIRA, Renato & VIANA, Nildo. *Educação Cultura e Sociedade. Abordagens Críticas da Escola.* Goiânia, Edições Germinal, 2002.